

# A concordância morfológica em Xizronga

## *A Morphological agreement in Xizronga*

Ernesto DIMANDE 

Universidade Eduardo Mondlane  
Maputo, Moçambique  
ernestomariodimande@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo discute a aplicabilidade da concordância morfológica em Xizronga, com o objetivo de averiguar se na concordância de sujeito complexo cujos núcleos são nomes da mesma classe nominal, os falantes desta língua bantu adotam esta estratégia; identificar as classes nominais em que esta é aplicável e apresentar as marcas que são selecionadas nas classes em que ela é bloqueada. Trata-se de uma análise descritiva, alicerçada em Marten (2000) sobre o conceito de concordância morfológica, sendo que o *corpus* analisado foi obtido através de questionário estruturado e entrevista, administrados a 18 falantes nativos. Resumidamente, os dados analisados permitiram concluir que em Xizronga a concordância morfológica é aplicada nas classes nominais 1 e 2 e nas classes 7 e 8. Nas restantes classes, os falantes selecionam *va-* e *svi-*, nos contextos de núcleos [+ humanos] e [- humanos], respetivamente. Assim, estes resultados mostram que a tese de Marten (2000) de que nas LB, a concordância morfológica é uma estratégia pouco produtiva não se ajusta completamente.

**Palavras-chave:** Xizronga; sujeito complexo; concordância morfológica.

**Abstract:** This article discusses the applicability of morphological agreement in Xizronga. It aims to determine whether speakers of this Bantu language adopt this strategy in complex subject agreement whose nuclei are nouns of the same nominal class; to identify the nominal classes in which it is applicable; and to present the markers that are selected in the classes where it is blocked. This is a descriptive analysis, based on Marten (2000) on the concept of morphological agreement. The corpus analyzed was obtained through a structured questionnaire and interviews administered to 18 native speakers. In summary, the analyzed data allowed us to conclude that in Xizronga, morphological agreement is used in nominal classes 1 and 2 and classes 7 and 8. In the remaining classes, speakers select *va-* and *svi-* in the contexts of [+human] and [-human] nuclei, respectively. Thus, these results support Marten's (2000) thesis that in LB, morphological concordance is a rather unproductive strategy and does not fully fit.

**Keywords:** Xizronga; complex subject; morphological agreement.

## 1 INTRODUÇÃO

Uma das áreas mais fascinantes da sintaxe das línguas bantu (LB)<sup>1</sup> é a concordância verbal (CV). O encanto no estudo desta temática reside no facto de a sua compreensão exigir a convocação de saberes de diferentes disciplinas das Ciências Sociais e, especificamente, de vários ramos da Linguística, entre os quais, a Morfologia, a Semântica e a Sociolinguística. Por isso, desde os primórdios da descoberta da família linguística cordofaniana até aos nossos dias, a CV tem sido objeto de estudo por parte de diversos linguistas, entre os quais destacamos: Ashton (1944); Bokamba (1985); Schadeberg (1992); Siteo (1999); Corbett (2006); McCormack (2007); Ngunga (1992) e Mitchley (2015).

Resumidamente, as pesquisas acima mencionadas revelam que, para efeitos de CV de sujeito complexo (SC), os falantes das LB adotam diversas estratégias de concordância, tendo em conta a vários fatores, entre os quais: *i.* a(s) classe(s) nominal(is) (CN) dos núcleos combinados; *ii.* a caracterização semântica dos núcleos; *iii.* a disposição dos núcleos na estrutura do SC e *iv.* a posição que este elemento sintático ocupa em relação ao verbo.

Sobre os fatores linguísticos de concordância acima referenciados, importa realçar que no que concerne à CN dos núcleos, McCormack (2007, p. 98) defende que, “If none of the conjuncts is semantically human, agreement is gender 7/8”<sup>2</sup>. Alinhando com esta linguista, Ashton (1944, p. 311) especifica que “A verb having as its subjects two or more nouns of different

---

<sup>1</sup> Lista de siglas:

ADV – advérbio; CN – classe nominal; CV – concordância verbal; Fut – futuro; Loc. – locativo; LB – línguas bantu; MC – marca de concordância; MCS – marca de concordância de sujeito; Pass – passado; Pas – passiva; PN – prefixo nominal; SC – sujeito complexo; SN – sintagma nominal; VF – vogal final.

<sup>2</sup> “Se nenhum dos núcleos não ser semanticamente humano, a concordância realiza-se através do género 7/8” (Nossa tradução).

classes takes *vi-* as its concord, if the nouns are names of concretes.”<sup>3</sup>. Concordando com McCormack (2007) e Ashton (1944), Schadeberg (1992, p. 22) clarifica que “When a verb form has to agree with a conjoint noun phrase consisting of two singular nouns belonging to the same two-class gender, the agreement is with the plural class of that gender”<sup>4</sup>.

Concordando com Schadeberg (1992), Marten (2000) e Mitchley (2015) designam este mecanismo por “morphological agreement”<sup>5</sup>. Particularmente, Mitchley (2015, p. 23), recuperando a conceptualização de Schadeberg (1992), reitera que a concordância morfológica (CM) “... it refers to when two conjuncts of the same gender use the plural agreement marker for that gender”<sup>6</sup>, por força da “morphological rule”<sup>7</sup>. Ou seja, se por exemplo, o SC possuir dois núcleos da CN9, a marca de CV será *ti-*, PN da classe 10, e não a marca neutra *svi-*, da CN8.

Sobre a aplicabilidade da regra morfológica que sustenta a CM ao nível das LB, Marten (2000, p. 80) argumenta que “[...] are not too easy to find, except for class 1 nouns [...]”<sup>8</sup>. Por isso, o autor conclui que “... morphological agreement might not be such a prominent option for agreement with conjoined NPs as seems to be implied in the literature.”<sup>9</sup> (Marten, 2000, p. 80). Na mesma linha de argumentação de Marten (2000), Mitchley (2015, p. 23) reitera que a CM “[...] is less common than one might assume, especially when conjuncts are singular.”<sup>10</sup>.

Enquadrado no âmbito da Sintaxe das LB, este artigo tem como título “A concordância morfológica em Xizronga” e visa averiguar se para de efeitos de CV de SC, os falantes desta língua adotam esta estratégia de CM

<sup>3</sup> “O verbo cujo sujeito complexo é constituído por dois ou mais núcleos de diferentes classes nominais, a concordância realiza-se através de *vi-*, se estes núcleos forem nomes concretos.” (Nossa tradução).

<sup>4</sup> “Quando o verbo tem que concordar com um sujeito complexo constituído por dois núcleos no singular, pertencentes à mesma classe nominal, a concordância realiza-se através do respetivo plural do género (Nossa tradução).

<sup>5</sup> “concordância morfológica” (Nossa tradução).

<sup>6</sup> “[...] descreve o contexto em que dois núcleos da mesma classe nominal, adoptam a concordância através da marca do plural do mesmo género” (Nossa tradução).

<sup>7</sup> “regra morfológica” (Nossa tradução).

<sup>8</sup> “[...] não é fácil de encontrar, exceto para os nomes da classe 1 [...]” (Nossa tradução).

<sup>9</sup> “[...] “a concordância morfológica não parece ser uma opção proeminente de concordância de sujeito complexo, conforme é abordado ao nível da literatura.” (Nossa tradução).

<sup>10</sup> “[...] é pouco comum como é assumido, especialmente nos contextos em que os núcleos estão no singular.” (Nossa tradução).

nos termos de Marten (2000); identificar as CNs em que esta estratégia é aplicável e apresentar as marcas que são selecionadas nas classes em que ela é bloqueada.

Os dados linguísticos que sustentam a análise de base descritiva que aqui apresentamos foram obtidos através de dois instrumentos, designadamente: questionário e entrevista, administrados a 18 falantes (8 mulheres e 10 homens) nativos das variantes Xinondrwana, falada nos municípios de Maracuene, Matola, Boane e Maputo, e Xihlanganu, falada nos distritos de Moamba e Namaacha. As idades destes informantes variam de 16 a 76 anos de idade.

A combinação dos instrumentos de recolha de dados acima referenciados deveu-se à necessidade de querermos incluir os informantes que não dominam a comunicação verbal escrita. Resumidamente, a participação destes informantes consistiu na tradução de Português para Xizronga, de frases pré-construídas, nas quais os núcleos dos sujeitos complexos são nomes de cada uma das 13 CNs de Xizronga. Posteriormente, as traduções foram analisadas por outros informantes na perspetiva de avaliar a gramaticalidade.

Para o alcance dos objetivos deste artigo, subdividimos o artigo em 5 secções. Esta introdução é referente à primeira secção, onde contextualizamos a pesquisa, apresentando o tema, os objetivos e os aspectos teórico-metodológicos. A segunda secção é relativa à descrição de Xizronga. Dedicada ao estado de arte sobre as estratégias de CV nas LB, temos a terceira secção. A seguir, temos a quarta secção, onde testamos a CM em Xizronga. Por fim, a quinta secção, onde destacamos os aspectos mais importantes.

## **2 ELEMENTOS DE XIZRONGA**

Nesta secção descrevemos Xizronga, a língua em estudo, com o intuito de fornecer elementos que contribuam para a compreensão do tema deste artigo. Neste contexto, primeiro fazemos o enquadramento linguístico de Xizronga, bem como a sua localização geográfica no continente africano. Seguidamente, apresentamos as suas variantes dialetais e finalizamos com as CNs.

## 2.1 Enquadramento linguístico e localização

Em termos de enquadramento linguístico, Xizronga é uma LB do grupo Tswa-Ronga (S50), com o código (S54), na classificação de Guthrie (1967-71). Para além desta, o grupo conta ainda com outras duas línguas, designadamente Xichangana (S53) e Xitshwa (S51). Trata-se de um grupo que devido à proximidade geográfica das suas línguas, caracteriza-se por uma inteligibilidade mútua (Conceição, 1999), o que permite que o falante de uma delas, compreenda ou fale as outras línguas do grupo. Por isso mesmo, os falantes são multilíngues.

Segundo Conceição (1999), a inteligibilidade que se verifica nas línguas do grupo Tswa-Ronga (S50) não é absoluta. Para a autora, apesar da proximidade linguística, o nível de inteligibilidade entre as línguas deste grupo não é similar. Neste contexto, Conceição (1999) defende que, apesar de existirem algumas diferenças morfofonéticas, a língua mais próxima de Xizronga é Xichangana.

No que concerne à localização geográfica, Ngunga & Faquir (2012) consideram que Xizronga é falada na região sul de Moçambique, concretamente na Província e Cidade de Maputo. Nesta vasta extensão territorial, Xizronga coabita com outras línguas, entre as quais: o Português, a nossa língua oficial; o Xichangana e o Xitshwa. Para além destas, ainda são faladas outras LB de Moçambique e de outros países africanos, trazidas por emigrantes atraídos pelos factores socioeconómicos que caracterizam esta região.

## 2.2 Variação dialectal

Como sucede com todas as LB e as línguas naturais no geral, Xizronga possui variação dialectal, tendo em conta as diferentes regiões onde ela é falada. Assim, considerando esta dimensão diatópica, Ngunga & Faquir (2012) reconhecem a existência de 4 variantes, conforme o Quadro 1, que se segue:

Quadro 1 — Variantes dialetais de Xizronga

Língua	#	Variantes	Locais onde é falada
Xizronga	1	Xikalanga	Manhiça
	2	Xinondswana	Maracuene, Matola, Boane e Maputo
	3	Xizingili	Ponta de Ouro, Catembe e Ilha de Inhaca
	4	Xihlanganu	Moamba e Namaacha

Fonte: elaborado pelo autor

Conforme ilustra o Quadro 1, Xizronga possui 4 variantes dialetais, a saber: Xikalanga (Xilwandle), Xinondswana, Xizingili (Xiputru) e Xihlanganu. Etimologicamente, estas designações derivam de topónimos, acidentes geográficos e nomes de líderes tradicionais. A título de exemplo, temos Xikalanga, que provém de *Calanga*, topónimo designativo de uma das localidades do distrito de Manhiça. Note-se que os residentes desta localidade preferem a designação Xilwande, resultante de *lwándlé* ‘mar; oceano’, acidente existente nesta localidade. Igualmente, temos a variante Xiputru, que deriva de *Maputru*, topónimo indígena de Maputo, outrora Lourenço Marques.

### 2.3 As classes nominais de Xizronga

Considerando que esta pesquisa visa examinar a CM em Xizronga, julgamos importante revisitarmos o conceito de CN e o inventário sincrónico de classes existentes nesta LB. Entendemos que esta revisão é imprescindível na medida em que fornecerá subsídios que poderão ajudar a compreender a sintaxe de Xizronga, sobretudo o padrão de CV de cada CN.

Como se sabe, em Xizronga, tanto os nomes genuinamente “zrongas”, quanto os que resultam de empréstimos, estão distribuídos em CNs, com base no traço semântico e PNs. Ao nível da literatura, entende-se por CN “[...] sets of nouns that trigger the same agreement pattern [...]”<sup>11</sup> (Van de Velde, 2019, p. 238). Na mesma linha, (Ngunga, 2014, p. 122) definira CN como um “conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou o mesmo padrão de concordância”. Sobre o padrão de concordância dos nomes de uma

<sup>11</sup> “[...] conjunto de nomes que exibem o mesmo padrão de concordância” (Nossa tradução).

determinada classe, é importante acautelar que a pesquisa sobre a sintaxe das LB tem revelado que por vezes, devido ao factor linguístico animacidade, os nomes de uma determinada CN podem exibir um padrão totalmente diferente, conforme os exemplos em (1):

(1) [Kiswahili, G42] (Wald, 1975, p. 241-242)

- a. *Yule*                      *ki-boko*                      *ni-li-mw-on-a*  
 PPr1-DEM      NPr7-hippo                      VPr1sg-PST-OPr1-see-FV  
 ‘That hippo, I saw it.’
- b. *ki-le*                      *ki-su*                      *ni-li-ki-on-a*  
 PPr1-DEM      NPr7-knife                      VPr1sg-PST-OPr1-see-FV  
 “That knife, I saw it.”

Comparando os exemplos em (1) constatamos que apesar de os nomes *kiboko* ‘hippo’ e *kisu* ‘knife’, em (1a) e (1b) respetivamente, serem ambos da CN7, não exibem o mesmo padrão de concordância, visto que, enquanto o primeiro realiza a concordância nominal e verbal através de *yu-* e *mw-*, o segundo seleciona a marca *ki-*, nestes dois contextos. De acordo com Wald (1975), este fenómeno explica-se pelo facto de estes dois núcleos possuírem traços semânticos diferentes. Assim, embora o nome *kibobo* seja da CN7, sintaticamente comporta-se como se fosse da CN1, selecionando a marca *mw-*, visto que se refere a um animal. Ou seja, diferentemente de *kisu*, que é [- animal], adota a concordância semântica. Entretanto, este fenómeno não invalida a tese de que, “The noun class system is at the heart of the agreement system in Bantu”<sup>12</sup> (McCormack, 2007. p. 92). Por isso, no quadro que se segue apresentamos o inventário de CNs de Xizronga.

Quadro 2 — Inventário de CNs de Xizronga

(continua)

Singular		Plural		Domínio semântico	Exemplos ilustrativos
CN	PN	CN	PN		
1	<i>mu-</i>	2	<i>va-</i>	seres humanos	<i>mhunu/vhanu</i> ‘pessoa(s)’
3	<i>mu-</i>	4	<i>mi-</i>	Plantas	<i>mbaha/mimbaha</i> ‘galinha(s)’
5	<i>li-</i>	6	<i>ma-</i>	animais e frutos	<i>khele/makhele</i> ‘sapo(s)’
7	<i>xi-</i>	8	<i>svi-</i>	Costumes	<i>xinána/svinána</i> ‘rã(s)’

<sup>12</sup> “O sistema de classes nominais é a base da concordância em Bantu” (Nossa tradução).

## Quadro 2 — Inventário de CNs de Xizronga

(conclusão)

Singular		Plural		Domínio semântico	Exemplos ilustrativos
CN	PN	CN	PN		
9	<i>yi(n)-</i>	10	<i>ti-</i>	Animais	<i>mbuti/timbuti</i> 'cabrito(s)'
11	<i>li-</i>	10	<i>ti-</i>	coisas longas	<i>lihúnyí</i> 'pedaço de lenha'
14	<i>vu-</i>	6	<i>ma-</i>	Substâncias	<i>vufuyi</i> 'criação'
15	<i>ku-</i>			Verbos	<i>kufuya</i> 'criar'

Fonte: elaborado pelo autor

Analisando o Quadro 2, constatamos 4 aspectos, a saber:

- Em Xizronga, existem apenas 13 CNs, como resultado da desativação das classes diminutivas 12 e 13 e das locativas 16, 17 e 18;
- A semântica das 13 CNs activas está diluída. Por isso, os exemplos ilustrativos das CNs 3 e 4 e 7 e 8 não estão em sintonia com os respetivos domínios semânticos;
- As 13 CNs organizam-se aos pares, sendo as classes 2, 4, 6, 8 e 10 constituem o plural das classes 1, 3, 5, 7 e 10. A classe 10, cujo PN é *ti-*, também pluraliza os nomes da 11. Entretanto, a CN14 não possui plural, excetuando poucos nomes, como, por exemplo, *vúsva vs mavúsva* 'xima(s)'; *vudlodlo vs madlodlo* 'pressa(s)'; *vudéló vs madéló* 'lugar(es) onde se come' e *vusvahana vs masvahana* 'bebida(s) de cereais que se dá aos bebés';
- No singular, os exemplos ilustrativos das CNs 1, 3, 5 e 9 não exibem os PNs que constam da tabela. Este aspeto deriva do facto de os PNs básicos destas classes apresentam alomorfos, conforme ilustra a tabela abaixo:

## Quadro 3 — Variação alomórfica dos PNs de Xizronga

(continua)

CN	PN	Alomorfos	Exemplos ilustrativos
1	<i>mu-</i>	$\emptyset$ -	<i>masseve/vamasseve</i> 'comadre(s)'
		<i>n-</i>	<i>ntukulu/vatukulu</i> 'neto(s)'
		<i>n'wa-</i>	<i>n'watuva/van'watuva</i> 'senhor(es) pombo(s)'

Quadro 3 — Variação alomórfica dos PNs de Xizronga (conclusão)

CN	PN	Alomorfos	Exemplos ilustrativos
3	mu-	∅-	nenge/ <b>minenge</b> 'perna(s)'
		n-	nkukulu/ <b>minkukulu</b> 'cabelo(s)'
		m-	mbomu/ <b>mimbomu</b> 'limoeiro(s)'
5	li-	∅-	tiva/ <b>mativa</b> 'lagoa(s)'
9	yi(n)-	∅-	male/ <b>timale</b> 'dinheiro(s)'
		n-	ndleve/ <b>tindleve</b> 'orelha(s)'
		m-	mbilu/ <b>timbilu</b> 'coração(ções)'

Fonte: elaborado pelo autor

Conforme ilustra o Quadro 3, o PN *mu-* das CNs 1 e 3 apresentam três alomorfes, designadamente ∅-, *n-* e *m-*. Estes também ocorrem no PN *yi(n)-*, da classe 9. Diferentemente, o PN *li-*, da classe 5, apresenta apenas o alomorfo ∅-.

### 3 ESTRATÉGIAS DE CONCORDÂNCIA VERBAL NAS LINGUAS BANTU

Conforme referimos na secção introdutória, para efeitos de CV de SC, os falantes das LB adotam várias estratégias, tendo em conta diferentes factores linguísticos, entre os quais: *i.* a CN dos núcleos combinados; *ii.* a caracterização semântica dos núcleos; *iii.* a disposição dos núcleos na estrutura do sujeito e *iv.* a posição do sujeito em relação ao verbo.

No que concerne ao factor CN dos núcleos do sujeito, Ashton (1944, p. 311) defende que “A verb having as its subjects two or more nouns of different classes takes **vi-** as its concord, if the nouns are names of concretes”<sup>13</sup>. Entretanto, Schadeberg (1992, p. 22) refere que “Some speakers prefer cl. 8 agreement in all such cases [...]”<sup>14</sup>. Por sua vez, McCormack (2007, p. 98) especifica que *svi-* (classe 8) é usada “If none of the conjuncts is semantically human”<sup>15</sup>, conforme ilustram os exemplos que a seguir apresentamos:

<sup>13</sup> “O verbo cujo sujeito complexo é constituído por dois ou mais núcleos de diferentes classes nominais, a concordância realiza-se através de *vi-*, se estes núcleos forem nomes concretos” (Nossa tradução).

<sup>14</sup> “Alguns falantes preferem realizar a concordância através da classe 8, em todos estes casos [...]” (Nossa tradução).

<sup>15</sup> “Se nenhum dos conjuntos ser semanticamente humano” (Nossa tradução).

(2) [Ciyao, P21] (Taji & Mreta, 2014, p. 86)

- a. *Chi-jiko ni m-eza i-tem-ech-e.*  
 7-spoon and 3-table 8SC-break-STAT-FV  
 'A spoon and a table are broken.'
- b. *Lw-aau ni chi-puula i-pile moto.*  
 11-net and 7-knife 8SC- burn-fire  
 'A net and a knife are burnt.'

(3) [Luganda, JE15] (McCormack, 2007, p. 98)

- a. *En-te, omu-su, eki-be ne ely-ato bi-alabwa.*  
 SG- SG-wild.cat(3/4SG- and SG- 8-  
 cow(9/10 jackal(7/8) canoe(5/6) were.seen  
 'The cow, the wild, the jackal and the canoe were seen.'

Resumidamente, os exemplos de Ciyao e Luganda apresentados em (2-3) mostram que, em termos semânticos, a marca neutra *svi*<sup>16</sup> (classe 8) é selecionada nos contextos em que os núcleos combinados são nomes de diferentes CNs, portadores do traço semântico [- humano] e concretos. A título ilustrativo, enquanto em (2b) temos como núcleos *lwaaau* 'net' (cl. 11) e *chipuula* 'knife' (cl. 7), em (3), o SC constituído por três núcleos, designadamente: *ente* 'cow' (cl. 9), *ekibe* 'jackal' (cl. 7) e *elyato* 'canoe' (cl. 5).

Socorrendo-se de elementos de Kiswahili, Schadeberg (1992, p. 22) refere que "When a verb form has to agree with a conjoint noun phrase consisting of two singular nouns belonging to the same two-class gender, the agreement is with the plural class of that gender"<sup>17</sup>. Concordando com Schadeberg (1992), Marten (2000) e Mitchley (2015) designam este mecanismo por CM, conforme ilustram os exemplos que se seguem:

(4) [Kiswahili, G42] (Mitchley, 2015, p. 23)

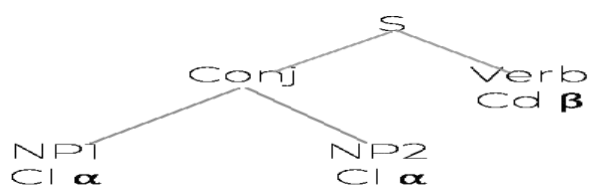
<sup>16</sup> Nas LB, o PN da classe 8 regista uma variação interlinguística. Assim, temos *svi*-, em Xichangana; *zva*-, em Citshwa; *i*-, em Ciyao e *bi*-, em Luganda.

<sup>17</sup> "Quando uma forma verbal precisa concordar com um sujeito composto, constituído por dois cujos núcleos estão no singular e pertencente ao mesmo gênero, a concordância realiza-se através do plural desse gênero." (Nossa tradução).

- a. *Mw-alimu na mw-anafunzi w-ake wa-li-kuja.*  
 1-teacher and 1-student 1-Poss **SM2**-PAST-come  
 'The teacher and his student came.'
- b. \**Kamkazi ndi kamwana ti-ku-gona.*  
 12-1-woman and 12-1-child **SM13**-PRESS-lie  
 Int: 'The little woman and the infant are lying down.'

Conforme ilustra o exemplo em (4a), os núcleos *mwalimu* 'teacher' e *mwanafunzi* 'student' são da CN1. Por isso, para efeitos de CV, os falantes de Swahili selecionam *wa-*, o plural da CN1. A seleção desta marca resulta da aplicação da regra morfológica. Para ilustrar esta estratégia de CV em que “[...] two nouns of the same class trigger the corresponding plural concord on the verb”, (the plural concord on the verb)<sup>18</sup> (Marten, 2000, p. 80), o autor propõe a seguinte representação arbórea:

Figura 1 — Representação arbórea da concordância morfológica



Fonte: (Marten, 2000, p. 80)

Conforme ilustra a figura 1, o SC é constituído por dois núcleos da mesma CN $\alpha$ , sendo que, para efeitos de CV, seleciona-se  $\beta$ , correspondente ao plural de  $\alpha$ . Entretanto, com base nos dados de Swahili, Marten (2000, p. 80) afiança que exemplos da aplicação desta regra morfológica “[...] are not too easy to find, except for class 1 nouns”<sup>19</sup>. Por isso, o autor infere que “[...] morphological agreement might not be such a prominent option for

<sup>18</sup> “[...] dois núcleos da mesma classe nominal realizam a concordância através do plural correspondente (concordância através do plural correspondente, no verbo)” (Nossa tradução).

<sup>19</sup> “[...] não são fáceis de encontrar, excetuando os nomes da classe 1”(Nossa tradução)

agreement with conjoined NPs as seems to be implied in the literature.”<sup>20</sup> (Marten, 2000, p. 80).

Contrariamente ao que sucede no exemplo em (4a), em (4b) constatamos que, apesar de os núcleos *kamkazi* ‘woman’ e *kamwana* ‘child’ serem da mesma CN, a classe 12, a selecção de **ti-** (classe 13), resulta em uma construção agramatical. Sobre este aspecto, Mitchley (2015, p. 23) reitera que a “concordância morfológica” “[...] is less common than one might assume, especially when conjuncts are singular”<sup>21</sup>.

Para além de Kiswahili, o bloqueio da concordância morfológica também se regista em outras LB, conforme documentam os exemplos em (5-9).

(5) [Xichangana, S53] (Sitoe, 1999, p. 8)

- |                      |            |                  |             |                |
|----------------------|------------|------------------|-------------|----------------|
| a. * <i>kòndló</i>   | <i>ni</i>  | <i>bolhelà</i>   | <b>malé</b> | <i>kaxeni.</i> |
| 5.rato               | e          | 5.garrafa        | 6.estar.pr  | caixa.Loc      |
| b. ? <i>Makòndló</i> | <i>ni.</i> | <i>mabolhelà</i> | <b>malé</b> | <i>kaxeni.</i> |
| 6.rato               | e          | 6.garrafa        | 6.estar.pr  | caixa.Loc      |

(6) [Xichangana, S53] (Sitoe, 1999, p. 8)

- |                     |           |                  |                 |                    |
|---------------------|-----------|------------------|-----------------|--------------------|
| a. * <i>Mbuti</i>   | <i>ni</i> | <i>nguluve</i>   | <i>tinghene</i> | <i>masin'wini.</i> |
| 9.cabrito           | e         | 9.porco          | 10.entrar.psd   | machamba.Loc       |
| b. ? <i>Timbuti</i> | <i>ni</i> | <i>tinguluve</i> | <i>tinghene</i> | <i>masin'wini.</i> |
| 10.cabrtitos        | e         | 10.porcos        | 10.entrar.psd   | machamba.loc       |

(7) [Xichangana, S53] (Sitoe, 1999, p. 5)

- |                    |           |                 |                |
|--------------------|-----------|-----------------|----------------|
| a. * <i>Jaha</i>   | <i>ni</i> | <i>khelwa</i>   | <i>mabùlà.</i> |
| 5.rapaz            | e         | 5.ancião        | 6.conversar.pr |
| b. ? <i>Majaha</i> | <i>ni</i> | <i>makhelwa</i> | <i>mabùlà.</i> |
| 6.rapaz            | e         | 6.ancião        | 6.conversar.pr |

<sup>20</sup> “[...] a concordância morfológica não parece ser uma opção proeminente de concordância de sujeito complexo, conforme parece ser sugerido ao nível da literatura” (Nossa tradução).

<sup>21</sup> “[...] é menos comum do que se poderia supor, especialmente quando os núcleos estão singular.” (Nossa tradução).

(8) [Xichangana, S53] (Sitoe, 1999, p. 5)

- a. \**Ntombhi* ni *nghwèndzra* **talongoloka**  
 9.rapaz e 9.ancião 10.caminhar-juntos.pr
- b. ?*Tintombhi* ni *tinghwèndzra* **talongoloka**  
 10.rapariga e 10.solteiros 10.caminhar-juntos.pr

(9) [Citshwa, S51] (Uetela, 2009, p. 192)

- a. *livati* (cl 11) ni *lingoti* (11) *zvaheleketiwa ka n'winyi wa zvona*  
 'a porta e a corda estão sendo devolvidos ao dono.'
- b. *madin'wa* (cl6) ni *mapera* (cl6) **zvananziha**  
 'as laranjas e as peras são saborosas'

Como mostram os dados, a tentativa de realizar a CV, tanto através de *ma-* CN6, quanto através de *ti-* CN10, nos contextos em que os núcleos combinados são nomes da classe 5, exemplo (5a) ou da classe 9, exemplo (6a), resulta em construções agramaticas. Na mesma linha, os exemplos (5b) e (6b) mostram que quando os núcleos são nomes das classes 6 e 10, respectivamente, as construções são questionáveis. Estes fenômenos também são aplicáveis para os exemplos (7-8), onde os núcleos são nomes [+ humanos]. Igualmente, em Citshwa, constatamos que, quando os núcleos combinados são da CN11 ou CN6, a marca selecionada é *svi-* (CN8). Entretanto, isto não é o que revelam os dados de Mushunguli, conforme o Quadro 4:

Quadro 4 — Concordância morfológica em Mushunguli (continua)

3a+3a	<i>mnyau yuno na mtabwali yudja i-gwa</i>
Class 4	This cat and that vulture fell.
4+4	<i>mitedha ino na migongo idja i-gwa</i>
Class 4	These peanuts and those backs fell.
5+5	<i>bambo dino na dole didja ya-gwa</i>
Class 6	This stork and that finger fell.
6+6	<i>mabambo jano na madole jadja ya-gwa</i>
Class 6	These storks and those fingers fell.
7+7	<i>chibonkho chino na chirole chidja vi-gwa</i>
Class 8	This hippo and that mirror fell.

Quadro 4 — Concordância morfológica em Mushunguli (conclusão)

8+8	<i>vibonkho vino na virole vidja</i>	<b>vi-gwa</b>
Class 8	hippos (8)-these and mirrors (8)-those (8)-fell	
9+9	<i>ngolowe ino na ngwena idja</i>	<b>zi-gwa</b>
Class 10	This cow and that crocodile fell.	
10+10	<i>ngolowe zino na ngwena zidja</i>	<b>zi-gwa</b>
Class 10	These cows and those crocodiles fell.	

Fonte: (Williams, 2012, p. 16)

Conforme ilustram os dados apresentados no Quadro 4, quando os núcleos do SC são nomes da mesma CN, os falantes realizam a marca de CV através do respectivo PN da classe marcadora do plural.

Para além da CN dos núcleos, a marca de concordância também pode ser influenciada pelo traço semântico dos núcleos, conforme os exemplos:

(10) [Isixhosa, S42] (Mitchley, 2015, p. 114)

a. *l-polisa*                      *ne-gqwetha*                      *ba-ya-sebenza*  
 5-policeman      and.5-lawyer                      SM2-PRES-work  
 'The policeman and the lawyer are working.'

b. *Isi-tyebi*                      *nesi-bhanxa*                      *ba-ya-funda*  
 7-rich.person      and.7-fool                      SM2-PRES-study  
 'The rich person and the fool are studying.'

(11) [Sesotho, S30] (Mitchley, 2015, p. 97)

a. *Le-polesa*                      *le*                      *di-tsibi*                      *ba*      *bua*  
 5-policeman                      and      8-expert                      SM2      talk  
 'The policeman and the experts are talking.'

b. *Ma-polesa*                      *le*                      *se-tsibi*                      *ba*      *bua*  
 6-policeman                      and      7-expert                      SM2      talk  
 'The policemen and the expert are talking.'

Os exemplos de Isixhosa e Sesotho apresentados em (10-11) mostram que apesar de tanto em (10a), quanto em (10b), os núcleos combinados serem da mesma CN, neste caso, as classes 5 e 7, respectivamente, os falantes não selecionam os PNs das classes 6 e 8, mas sim a marca *ba-*, da classe 2. Mitchley (2015) defende que este fenómeno explica-se pelo facto de

os núcleos *ipolisa* ‘policeman’ e *gqwetha* ‘lawyer’, em (10a), e *sityebi* ‘rich person’ e *sibhanxa* ‘fool’, em (10b), serem [+ humano]. Em (11) constata-se que este factor traço semântico também é observado nos contextos em que os núcleos [+ humano] são de CNs diferentes. Estes exemplos ilustram a concordância semântica.

Em algumas LB, a influência do factor semântico [+ HUM] também se regista nos contextos em que apenas um dos núcleos é [+ humano], conforme os exemplos que a seguir apresentamos:

(12) [Ciyao, P21] (Taji; Mreta, 2014, p. 85)

- a. *Mu-ndu ni li-vaata a-ku-utuk-a*  
 1-person and 5-duck 2SC-PRES-run-FV.  
 ‘A person and a duck are running.’
- b. *M-chanda ni ng’ombe a-kw-ik-a.*  
 1-boy and 9-cow 2SC-PRES-come-FV  
 ‘A boy and a cow are coming.’

Conforme os exemplos de Ciyao apresentados em (12), apesar de em cada construções termos apenas um núcleo [+ HUM], neste caso, *mundu* ‘person’, em (9a) e *mchanda* ‘boy’ em (9b), a marca de concordância continua sendo *a-*, classe 2, como se *li-vaata* ‘duck’ e *ng’ombe* ‘cow’ também fossem seres humanos!

Para além da CN e da caracterização semântica dos núcleos do SC, a CV, de acordo com McCormack (2007, p. 96), pode ser desencadeada em função do “[...] the nearest conjunct in a conjoined noun phrase, [...]”<sup>22</sup>, conforme ilustram os exemplos de Kiswahili, que a seguir apresentamos:

(13) [Kiswahili, G42] (Bokamba, 1985, p. 45 citado por McCormack, 2007, p. 96))

- a. *ki-ti na rn-guu wa meza-me-vunjika.*  
 NP. 7-chair and NP.3-leg of table SC.3-PERF-broken  
 ‘the chair and the leg of the table are broken.’
- b. *m-guu wa mezana ki-ti ki-me-vunjika*  
 NP.3-leg PC.3 table and NP.7-chair SC.7-PRF-broken  
 ‘the leg of the table and the chair are broken’

<sup>22</sup> “[...] no núcleo do sujeito complexo que é adjacente ao verbo [...]” (nossa tradução).

Analisando o exemplo em (13a) constatamos que a CV é desencadeada com base no núcleo adjacente ao verbo, neste caso, *mguu* 'leg', da CN3. Por isso, em (13b), onde houve troca de posições entre os núcleos, a concordância passa a ser realizada com base no núcleo *kiti* 'chair'. Entretanto, McCormack (2007, p. 96) considera que tando em (13a) quanto em (13b), esta concordância parcial que se realiza em cumprimento ao PA "[...] is not reflecting the full interpretation of the utterance, since there are two things that are broken [...]"<sup>23</sup>.

A concordância parcial através do núcleo adjacente ao verbo não ocorre sobre as construções em que o sujeito gramatical ocorre na posição pré-verbal, conforme ilustram os exemplos de Ciyao, que a seguir apresentamos:

(14) [Chiyao, P21] (Taji; Mreta, 2014, p. 87)

- a. **Li-w-ile**            **li-simba**    *ni*    *chi-suvi*.  
 5SC-die-PERF 5-lion            and    7-leopard  
 A lion and a leopard are dead.
- b. **Chi-w-ile**            **chi-suvi**    *ni*    *li-simba*.  
 7SC-die-PERF 7-leopard    and    5-lion  
 A leopard and a lion are dead.

As construções apresentadas em (12) não diferem das analisadas em (13) pelo facto de os seus sujeitos gramaticais *lisimba ni chisuvi* 'lion and leopard', em (14a), e *chisuvi ni lisimba* 'leopard and lion', em (14b), ocorrerem na posição pós-verbal. Resumidamente, nestas também constatamos que o PA continua influenciando a concordância, visto que, em (14a) a marca selecionada é *li-* CN5, tendo em conta que o núcleo adjacente ao verbo *-w-* 'morrer' é *lisimba* 'lion', também da CN5. Já em (14b), onde a ordem destes núcleos foi alterada, a marca de CV é ***chi-*** CN7, porque o núcleo adjacente ao verbo é ***chisuvi*** 'leopard', CN7.

<sup>23</sup> "[...]Não reflete a interpretação completa da declaração, visto que há dois elementos que estão quebrados [...]" (Nossa tradução).

Para dar conta da influência do PA na CV, tanto na preposição, quanto na posposição do sujeito, Marten (2000) propõe os seguintes esquemas arbóreos:

Figura 2 - Sujeito pré-posicionado

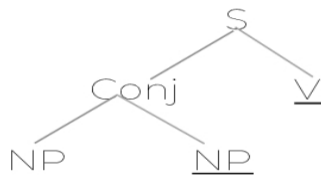
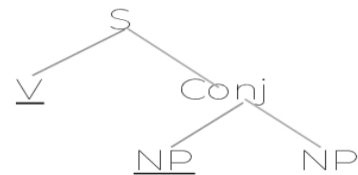


Figura 3 - Sujeito posposto



Fonte: (Marten, 2000, p. 84)

Conforme os esquemas arbóreos apresentados, tanto em 2, quanto em 3, “[...] the verbo agrees not with the whole conjoined NP, but with the closest conjunct.”<sup>24</sup> (Marten, 2000, p. 84). Assim, enquanto na figura 2 constata-se que quando o SC ocorre na posição pré-verbal, a CV é desencadeada pelo último núcleo da estrutura do SN-sujeito, neste caso, o segundo, na figura 3 verifica-se que nos contextos em que o sujeito é posposto, é o primeiro núcleo que determina a CV. Para diferenciar estes dois contextos sintáticos, Marten (2000) designa por “Laste conjoined Agreement”<sup>25</sup> (LCA) e “First Conjoined Agreement”<sup>26</sup> (FCA)”, respectivamente. Entretanto, em algumas LB, a LCA observa algumas restrições, conforme mostram os exemplos em (15):

(15) [Oshindonga] (McCormack, 2007. p. 96)

a. **óma-úsiku** *n-omi-ténya* *otá-ge* *ya*  
**NP.6**-night and-NP.4-day TMA-**SC.6** come  
 ‘The nights and the days are coming.’

b. **ómi-tenyá** *n-óma-usíku* *o-dhí* *vúlathane*  
**NP.4**-dayand-NP. 6-night TMA-**SC.4** not.be.equal  
 ‘The days and the nights are not equal.’

c. **om-bete e-mbó no-oshi-táafula o-dhi** lí megumbo

<sup>24</sup> “[...] o verbo não concorda com a totalidade dos membros do sujeito complexo, mas com o núcleo mais próximo” (Nossa tradução).

<sup>25</sup> “concordância através do último núcleo” (Nossa tradução).

<sup>26</sup> “concordância através do primeiro núcleo” (Nossa tradução).

NP.9-bed NP.5-book and-NP.7-table TMA-**SC.10** be in.  
the.house  
'The bed, the book and the table are in the house.'

Como mostram os exemplos de Oshindonga, em (15a) constatamos que, ao invés de a CV ser desencadeada com base no núcleo adjacente *omiténya* 'days', da CN4, é feita com base no primeiro, no caso vertente, *ómaúsiku* 'nights', da CN6. Este aspecto também se repete em (15b), onde a disposição destes dois núcleos foi alterada. McCormack (2007) defende o bloqueio da LCA ocorre somente nos contextos em que o primeiro núcleo está no plural. Entretanto, "If the first noun is not a plural, number resolution occurs instead and the noun class of the singular noun is reanalyzed to the corresponding plural class [...]"<sup>27</sup> (McCormack, 2007, p. 97), conforme o exemplo em (15b), selecionando *dhi-*, PN da CN10 e marcador do plural do núcleo *ombete* 'bed', CN9, o primeiro na estrutura do SC.

#### 4 CONCORDÂNCIA MORFOLÓGICA EM XIZRONGA

Esta secção é dedicada à testagem da CM em Xizronga, com a finalidade de, por um lado, averiguar se esta estratégia é aplicável e, por outro lado, identificar as CNs em que ela ocorre e apresentar as marcas que são selecionadas nas classes em que ela é bloqueada.

Com vista a controlar uma possível variação da CV em função do factor animacidade, os exemplos analisados incluem núcleos de diferentes traços semânticos, entre os quais, [+ humanos], [- humanos] e [+ animais]. Assim, iniciamos o exame discutindo os nomes das CNs 1 e 2 e 3 e 4.

- (16) a. *Muhloti ni muxavisi va-holov-ile.*  
1.caçadore 1.vendedor 2.MCS-discutir-Pas.  
'O caçador e o vendedor discutiram.'
- b. *Ncwale na n'wankolela va-d-ile nyoka*  
1.lontra e1.enguia 2.MCS-comer-Pas 9.cobra  
'A lontra e a enguia comeram a cobra.'
- c. *Vahloti ni vaxavisi va-holov-ile.*  
2.caçadores e 2.vendedores 2.MCS-discutir-Pas.

<sup>27</sup> "Se o primeiro núcleo não estiver no plural, a resolução é com base no número e, o núcleo no singular é reanalisado para o plural correspondente à classe [...]" (Nossa tradução).

'Os caçadores e os vendedores discutiram.'

- (17) a. \**Mungúta ni nkólombzá mi-pshile hi ndzrilu*  
 3.libélula e 3.lagartixa 4.queimar-Pas por 3.lume  
 'A libélula e a lagartixa queimaram.'
- b. \**N-hlata ni ntrumbula mi-boli-le.*  
 3.batata-doce e 3.mandioca 4.MCS-apodrecer-Pas  
 'A batata-doce e a mandioca apodreceram.'
- c. \**Mimungúta ni mikólombzá mi-psh-ile hi ndzrilu*  
 4.libélulas e 4.lagartixas 4.queimar-Pas por 3.lume  
 'As libélulas e as lagartixas queimaram.'
- (18) a. *Nhlata ni ntrumbula svi-boli-le.*  
 3.batata-doce e 3.mandioca 4.MCS-apodrecer-Pas  
 'A batata-doce e a mandioca apodreceram.'
- b. *Mungúta ni nkólombzá svi-pshi-le hi ndzrilu*  
 3.libélula e 3.lagartixa. 8.queimar-Pas por 3.lume  
 'A libélula e a lagartixa queimaram.'
- c. *Mimungúta ni mikólombzá svi-psh-ile hi ndzrilu*  
 4.libélulas e 4.lagartixas 8.queimar. por 3.lume  
 'A batata-doce e a mandioca apodreceram.'

Como atestam os exemplos em (16), os nomes das CNs 1 e 2 adotam a estratégia da CM, independentemente do seu traço semântico. Esta conclusão deriva do facto de, tanto em (16a), onde os núcleos *muhloti* e *muxavisi* são [+ humanos], quanto em (16b) em que os núcleos *ncwale* e *n'wankokela* são [+ animais], a CV realizar-se através de *va-*, PN da CN2. Contrariamente, em (17) constatamos que os nomes das classes 3 e 4 não observam a CM, visto que a tentativa de selecionar *mi-*, PN da CN4, resulta em construções agramaticais, em todos contextos de CN e semântica dos núcleos. Assim, os dados em (18) mostram que, nestes contextos, os falantes selecionam *svi-*, PN da CN8.

A estratégia da CM não é apenas bloqueada quando os núcleos do SC são nomes da CN3 ou da CN4, conforme ilustram os exemplos em (19):

- (19) a. \**Pholisa ni toya ma-yak-ile yindlu.*  
 5.polícia e 5.medrica 6.MCS-contruir-Pas 9.casa  
 'O polícia e o medrica construíram casa.'

- b. \**Sangu ni gumana ma-phs-ile.*  
5.esteira e 5.manta 6.MCS-queimar-Pas  
'A esteira e a manta queimaram.'
- c. ?*Mapholisa ni matoya ma-yak-ile yindlu.*  
6.polícias e 6.medricas 6.MCS-contruir-Pas 9.casa  
'Os polícias e os medricas construíram casa.'
- d. ?*Masangu ni magumana ma-phs-ile.*  
6.esteirase e 6.mantas 6.MCS-queimar-Pas  
'As esteiras e as mantas queimaram.'
- (20) a. *Pholisa ni toya va-yak-ile yindlu.*  
5.polícia e 5.medrica 2.MCS-contruir-Pas 9.casa  
'O polícia e o medrica construíram casa.'
- b. *Sangu ni gumana svi-phs-ile.*  
5.esteira e 5.manta 8.MCS-queimar-Pas  
'A esteira e a manta queimaram.'

Em termos semânticos, os exemplos em (19) mostram que, enquanto em (19a) os núcleos *pholisa* 'polícia' e *toya* 'medrica', todos da CN5, são [+ humanos], em (19b) *sangu* 'esteira' e *gumana* 'manta', também da CN5, são [- humanos]. Entretanto, apesar desta diferença semântica, em termos de CV, a marca selecionada não é *ma-*, o PN do plural dos nomes da CN5. Os exemplos em (20) mostram que em construções similares a estas, os falantes usam *va-*, CN2 e *svi-*, CN8 quando os núcleos são [+ humanos] e [- humanos], respectivamente.

Diferentemente do que sucede aos nomes das CNs 3 e 4 e classes 5 e 6, os exemplos que a seguir apresentamos revelam que quando os núcleos são da classe 7 ou classe 8, os falantes de Xizronga aplicam a estratégia da CM:

- (21) a. *Xisiwana ni xiduhati svi-yamukel-ile tiyindlu.*  
7.pobre e 7.idoso 8.MCS-receber-Pas 10.casas  
'O pobre e o idoso receberam casas.'
- b. *Xitsama ni xilalasi svi-bol-ile.*  
7.maçaroca e 7.ananás 8.MCS-apodrecer-Pas  
'A maçaroca e o ananás apodreceram.'

- c. *Xisiwanani xiduhati va-yamukel-ile tiyindlu.*  
 7.pobre e 7.idoso 2.MCS-receber-Pas 10.casas  
 'O pobre e o idoso receberam casas.'
- d. *Svisiwana ni sviduhati svi-/va-yamukel-ile tiyindlu.*  
 8.pobres e 8.idosos 8.MCS/2.MCS-receber-Pas 10.casas  
 'Os pobres e os idosos receberam casas.'
- e. *Svitsama ni svilalasi svi-bol-ile.*  
 8.maçarocas e 8.ananases 8.MCS-apodrecer-Pas  
 'As maçarocas e os ananases apodreceram.'

Analisando os exemplos em (21), verificamos que, apesar da diferença semântica entre os núcleos *xisiwana* 'pobre' e *xiduhati* 'idoso', em (21a) e *xitsama* 'maçaroca' e *xilalasi* 'ananás', em (21b), a marca de CV é *svi-*, CN8, correspondente ao plural da CN7, a que pertencem todos estes núcleos. Entretanto, os exemplos em (21c-d) também mostram que quando os núcleos são [+ humanos], a CV pode ser realizada através de *va-*, CN2. Contrariamente, os nomes das CNs 9 e 10 não observam este padrão de CV, conforme os exemplos em (22-23):

- (22) a. *\*Nhenha ni nghwávana ti-ta-chad-a mundzruku.*  
 9.herói e 9.prostituta 10.MCS-Fut-roupa ADV.amanhã  
 'O herói e a prostituta casarão amanhã.'
- b. *\*Ntupa ni hamela ti-yiv-iw-ile.*  
 9.lima e 9.martelo 10.MCS-roubar-Ext.Pass-Pas  
 'A lima e o martelo foram roubados.'
- (23) a. *?Tinhenha ni tinghwávana ti-ta-chad-a mundzruku.*  
 10.heróis e 10.prostitutas 10.MCS-Fut-casar-VFADV.amanhã  
 'Os heróis e as prostitutas casarão amanhã.'
- b. *?Tintupa ni tihamela ti-yiv-iw-ile.*  
 10.limas e 10.martelo 10.MCS-roubar-Ext.Pass-Pas  
 'As limas e os martelos foram roubados.'
- (24) a. *Tinhenha ni tinghwávana va-ta-chad-a mundzruku.*  
 10.heróis e 10.prostitutas 2.MCS-Fut-casar-VF ADV.amanhã  
 'Os heróis e as prostitutas casarão amanhã.'
- b. *Tintupa ni tihamela svi-yiv-iw-ile.*  
 10.limas e 10.martelo 8.MCS-roubar-Ext.Pass-Pas

'As limas e os martelos foram roubados.'

- (25) a. \*Vúsva ni vusvahana **ma**-nyamalal-ile.  
 14.chima e 14.bebida 6.MCS-desaparecer-Pas  
 'A chima e a bebida desapareceram.'
- b. \*Mavúsva ni masvahana **ma**-nyamalal-ile.  
 14.chimas. e 14.bebida 6.MCS-desaparecer-Pas  
 'As chimas (variedades) e as bebidas (variedades)  
 desapareceram.'

Os exemplos em (22a-b) e em (23a-b) mostram que, independentemente do traço semântico, quando os núcleos combinados são nomes da CN 9 ou da CN 10, a regra morfológica não se aplica, visto que a seleção de *ti-*, CN10 resulta em construções agramaticais ou questionáveis. Em (24) verificamos que enquanto nos contextos de núcleos [+ humanos] os falantes selecionam *va-*, quando estes são [- humanos] a marca usada é *svi-*

O bloqueio da CM também se observa nos contextos em que os nomes são das CNs 14 e 6, conforme ilustram os exemplos em (25). Nestes casos, os falantes também realizam a CV através de *svi-*. Este e outros casos analisados ao longo da secção resumem-se na Tabela 1:

Tabela 1 - Avaliação da concordância morfológica em Xizronga

CNs	Classes e traços		Estratégias de concordância		
	Classe	Semântica	CM	<i>svi-</i> CN8	<i>va-</i> CN2
1 e 2	1 + 1	[+ humanos]	✓	X	✓
	1 + 1	[- humanos]	✓	X	✓
3 e 4	3 + 3	[+ animais]	X	✓	x
	4 + 4	[- humanos]	X	✓	x
5 e 6	5 + 5	[+ humanos]	X	X	✓
	5 + 5	[- humanos]	X	✓	x
7 e 8	7 + 7	[+ humanos]	✓	✓	✓
	7 + 7	[- humanos]	✓	✓	x
9 e 10	9 + 9	[+ humano]	X	X	✓
	9 + 9	[- animal]	X		x
11 e 10	11 + 11	[- humanos]	X	✓	x
14 e 6	14 + 14	[- humanos]	X	✓	x
	6 + 6		X	✓	x

Fonte: autor

Conforme a Tabela 1, em Xizronga, a CM ocorre somente nas CNs 1 e 2 e classes 7 e 8, independentemente do traço semântico dos núcleos. Entretanto, nas CNs 7 e 8, os falantes também realizam a CV através de *va-*, CN2, especificamente nos contextos em que os núcleos são [+ humanos].

Sobre as CNs 3 e 4; 5 e 6; 9 e 10; 11 e 10 e 14 e 6, a Tabela resumo mostra que a tentativa de realizar a CV através dos respectivos PNs marcadores do plural resulta em construções agramaticais ou questionáveis. Assim, os dados analisados mostraram que nestas CNs, a CV realiza-se através de *va-*, CN2, quando os núcleos são [+ humanos], e *svi-*, CN8, quando são [- humanos].

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseando-se nos fundamentos da Linguística Descritiva, neste artigo analisamos a aplicabilidade da CM na CV em Xizronga, com o objetivo de averiguar se para efeitos de CV de SC, os falantes desta língua adotam esta estratégia, nos termos de Marten (2000); identificar as CNs em que esta estratégia é aplicável e apresentar as marcas que são selecionadas nas classes em que ela é bloqueada.

Resumidamente, o *corpus* analisado permitiu concluir que para efeitos de CV de SC, os falantes de Xizronga aplicam a CM, especificamente nos contextos em que os núcleos combinados são nomes das CNs 1 e 2 e classes 7 e 8. Entretanto, para os casos em que os núcleos destas últimas duas CNs são semanticamente [+ humanos], os falantes também realizam a CV através de *va-*, CN2. Note-se que entre estas duas possibilidades de concordância, isto é, *svi-* (CN8) e *va-* (CN2), os falantes tendem a usar mais a primeira marca.

Sobre as CNs 3 e 4; 5 e 6; 9 e 10; 11 e 10 e 14 e 6, constatamos que a tentativa de CM resulta sempre em construções agramaticais ou questionáveis. Assim sendo, os falantes selecionam *va-* e *svi-*, nos contextos de núcleos [+ humanos] e [- humanos], respectivamente. Relacionando estes resultados com os dados de outras LB, constatamos que a tese de Marten (2000) de que nas LB, a CM é uma estratégia pouco produtiva, não se ajusta completamente.

## REFERÊNCIAS

- ASHTON, E. O. **Swahili Grammar**. Harlow: Longman, 1944.
- BOKAMBA, E. G. Verbal Agreement as a Non-cyclic Rule in Bantu. *In*: GOYVAERTS, D. (ed.). **African Linguistics: Essays in Memory of M. W. K. Semikenke**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 9-54.
- BRESNAN, J.; MCHOMBO, S. Grammatical and Anaphoric Agreement. **CLS**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 278-297, 1986.
- CONCEIÇÃO, M. A Brief Look at Sociolinguistics of Xirhonga and Other Languages Spoken in Mozambique. *In*: HARGUS, S.; CONCEIÇÃO, M. (ed.). **Xirhonga Linguistics**. Seattle: University of Washington, 1999. p. 9-30.
- CORBETT, G. **Agreement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- GUTHRIE, M. **Comparative Bantu**. Claredon: Oxford University Press, 1967-1971. 4 v.
- MARTEN, L. Agreement with Conjoined Noun Phrases in Swahili. **Afrikanistische Arbeitspapiere**, [S. l.], v. 64, p. 75-96, 2000.
- MCCORMACK, A. **Subject and Object Pronominal Agreement in the Southern Bantu Languages: From a Dynamic Syntax Perspective**. 2007. 209 f. Thesis (Philosophy) – School of Oriental and African Studies, University of London, London, 2007.
- MITCHLEY, H. **Agreement and Coordination in Xitsonga, Sesotho and Isixhosa: An Optimality Theoretic Perspective**. 2015. 206 f. Thesis (Master's in Linguistics) – Rhodes University, Makhanda, 2015.
- NGUNGA, A. Agreement strategies of the conjoined NP in Ciyao. *In*: LOPES, A. (ed.). **Proceedings of the Third LASU Conference/Workshop**. Maputo: UEM-Press, 1992. p. 157-175.
- NGUNGA, A. **Introdução à Linguística Bantu**. 2. ed. Maputo: Imprensa Universitária, 2014.
- NGUNGA, A.; FAQUIR, O. (ed.). **Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do III Seminário**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 2011.
- SCHADEBERG, T. C. **A Sketch of Swahili Morphology**. Köln: Köppe, 1992.

SITOE, B. **Motivação semântica e sócio-cultural na organização das classes nominais – sua influência sobre a sintaxe:** o caso do Changana. Maputo: FLCS, 1999.

TAJI, J.; MRETA, A. Subject-Verb Agreement in Chiyao Conjoined Noun Phrases. **Journal of Linguistics and Language in Education**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 78-88, 2014.

UETELA, M. Estratégias de concordância com sintagmas nominais complexo em Citshwa. *In*: NGUNGA, A. (ed.). **Lexicografia e descrição de Línguas bantu**. Maputo: Centro de Estudos Africanos – UEM, 2009. p. 187-197.

VAN DE VELDE, M. Nominal morphology and syntax. *In*: NURSE, D.; PHILIPPSON, G. (ed.). **The Bantu Languages**. 2. ed. London: Routledge, 2019. p. 237-269.

BOÉSSIO, C. P. D. Música/canción como facilitadora de aprendizajes y adquisición de lengua española – un rescate de memorias. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 1, e2386, 2022. DOI: 10.22168/2237-6321-12386.

WALD, B. Animate Concord in Northeast Coastal Bantu: Its Linguistic and Social Implications as a Case of Grammatical Convergence. **Studies in African Linguistics**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 267-314, 1975.

WILLIAMS, S. T. **Gender-Conflict Resolution in Mushunguli**. Thesis (BA in Linguistics) – The Ohio State University, Columbus, 2012.

DIMANDE, Ernesto. A concordância morfológica em Xizronga. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 16, e97202, 2026. DOI: 10.36517/ep16.97202.